



“Eu acho que eu não descobri, porque eu acho que eu nasci assim”: identidades sexuais arrancadas do armário em uma pequena cidade do cerrado de Mato Grosso do Sul

Aparecido Francisco dos Reis¹, Francieny Rodrigues de Moraes²



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n1p206-225>

Artigo recebido em 29 de Maio e publicado em 17 de Junho de 2025

ARTIGO ORIGINAL

Resumo:

A pesquisa que deu origem a este artigo teve como objetivo compreender como se constrói a identidade sexual de homens e mulheres homossexuais em uma pequena cidade do interior de Mato Grosso do Sul. A pesquisa faz parte de um paradigma fenomenológico-hermenêutico, sendo assim sua abordagem é qualitativa, do tipo descritivo-interpretativo e a seleção dos participantes foi intencional. A técnica de produção da informação foi a entrevista semiestruturada. Os resultados da análise do material identifica três categorias que interferem na construção da identidade sexual dessas pessoas: A descoberta da identidade como algo inerente, a afirmação dessa identidade nas relações sociais, sobretudo na infância, no espaço da escola e verifica-se ainda, que os referidos eixos são importantes na forma como os entrevistados percebem, vivem e aceitam a sua orientação sexual. A partir da pesquisa, pode-se inferir que os sujeitos, apesar de viverem num contexto social nacional com legislação que salvaguarda e protege os seus direitos, muitas vezes ainda vivem a sua sexualidade e a sua vida erótica e afetiva na clandestinidade, devido à discriminação que sofrem.

Palavras-chave: Identidade; homossexual; socialização; corpo.

¹ Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. aparecido.reis@ufms.br

² Socióloga pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -



“I don’t think I discovered it, because I think I was born like this”: sexual identities ripped from the closet in a small town in the cerrado of Mato Grosso do Sul

Abstract:The research that gave rise to this article aimed to understand how the sexual identity of homosexual men and women is constructed in a small town in the interior of Mato Grosso do Sul. The research is part of a phenomenological-hermeneutic paradigm, thus its approach is qualitative, descriptive-interpretative and the selection of participants was intentional. The information production technique was the semi-structured interview. The results of the analysis of the material identify three categories that interfere in the construction of these people's sexual identity: The discovery of identity as something inherent, the affirmation of this identity in social relationships, especially in childhood, in the school space and it is also verified that the aforementioned axes are important in the way in which interviewees perceive, live and accept their sexual orientation. From the research, it can be inferred that the subjects, despite living in a national social context with legislation that safeguards and protects their rights, often still live their sexuality and their erotic and emotional lives in hiding, due to discrimination who suffer.

Keywords: Identity; homosexual; socialization; body.



Introdução

O artigo a seguir traz uma análise acerca das questões identitárias em homossexuais que residem em uma cidade de porte pequeno do interior de Mato Grosso do Sul. O objetivo deste estudo consiste justamente em conhecer as experiências de vida de pessoas homossexuais, vivendo em uma cidade com aproximadamente 3.000 habitantes, rodeada por fazendas de criação de gado, plantações de soja e situada no norte do Estado, na região do cerrado.

Entre os estudos sobre a vivência e experiências homossexuais em cidades do interior, pode-se citar Passamani (2016), em que discute, entre outros assuntos, a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, mais especificamente, nas cidades de Corumbá e Ladário, ambas em Mato Grosso do Sul, mas com uma população conjunta acima de 100 mil habitantes. A discussão sobre identidades da população LGBTQIA+, aparece ainda no texto de Paiva (2020) em que reflete sobre as identidades, a fluidez e o descentramento das performances identitárias no manejo dos símbolos, das formas de tratamento e dos espaços generificados das travestis de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte.

Em razão de ser um “lugar pequeno em todos se conhecem pelo nome”, como os moradores locais costumam se referir à cidade, serão preservadas as identidades dos entrevistados, os recortes das entrevistas apresentados ao longo dos resultados, estão numerados de 1 a 7 com a finalidade de padronização. Também será mantido em anonimato o nome da cidade, seguindo a Resolução 510/2016 do Ministério da Saúde e Conselho Nacional de Saúde. Em Mato Grosso do Sul, existem ao menos 3 municípios que estão nesta faixa populacional.

A discussão sobre o tema da identidade dos sujeitos será abordada fazendo aportes às teorias essencialistas e construcionistas, tendo como referenciais os estudos de Kitzinger, Wilkinson, Butler, Scott, Guacira Lopes Louro e Michel Foucault. A partir das entrevistas, foram identificadas duas categorias principais que interferem na construção das identidades sexual e de gênero dessas pessoas: A descoberta da identidade como algo inerente e a afirmação dessa identidade nas relações sociais, sobretudo no espaço da escola. Os eixos mencionados são importantes na forma como os entrevistados percebem, conflituam, vivem e aceitam suas identidades.

Método e modelo de análise



A pesquisa faz parte de um paradigma fenomenológico-hermenêutico ou abordagem interpretativa (TERRA et al, 2009), sendo assim sua abordagem qualitativa, será do tipo descritivo-interpretativo. Nesta abordagem, é dada importância à experiência subjetiva dos participantes, ao estudo dos fenômenos a partir de sua própria perspectiva e ao interesse em saber como as pessoas interpretam o mundo social.

A seleção dos sujeitos do estudo foi intencional, devido ao tamanho da população que se declarava homossexual em uma cidade com menos de 3.000 habitantes. A aproximação com os sujeitos da pesquisa se deu por meio de uma estudante de Ciências Sociais, moradora da cidade e amplamente conhecida em razão de sua família ter um comércio local. Embora todos os sujeitos entrevistados já tenham se assumido, houve dificuldades iniciais quanto ao acesso à aquelas pessoas em razão de altos níveis de estigmatização social produzido pela exposição da orientação sexual.

A população LGBTQIA+ tem sido historicamente discriminada. Portanto, muitas pessoas ainda têm medo de revelar sua orientação sexual e/ou identidade devido ao estigma e preconceito que ainda existe em relação a elas, estranhando falar sobre sua vida para pesquisador de universidade. Essa hesitação inicial somente foi rompida a partir da revelação da orientação sexual homossexual do pesquisador.

Os critérios de inclusão dos participantes foram: a) pessoas que se definiam como gays ou lésbicas, b) que morassem na cidade escolhida, c) que tivessem mais de 18 anos. Os sujeitos entrevistados nasceram ou vivem na cidade, imbuídos na cultura local que destaca o agronegócio como a principal atividade econômica e de entretenimento do município. A principal atividade cultural da cidade é a exposição agropecuária, um evento de negócios e de shows musicais representado pelo Sertanejo Universitário. Nas entrevistas, todos eles informaram que estudaram em estabelecimentos de ensino da cidade ou trabalham na cidade. Suas relações afetivo-eróticas têm sido com pessoas da cidade que conheceram por meio de amigos ou por meio de aplicativos disponíveis em seus celulares para conversação com potenciais parceiros locais ou de outras cidades.

Além do contato inicial feito pela estudante de Ciências Sociais, alguns entrevistados foram indicados pelos próprios sujeitos, a partir das relações de amizade. Utilizou-se a entrevista semiestruturada, baseada em uma série de questões que abordaram diversos aspectos relacionados à identidade, à vivência afetivo-sexual, à sociabilidade e à homofobia. Todavia, no âmbito do texto, abordaremos apenas, as categorias já mencionadas. Antes de iniciar a entrevista, os participantes foram informados sobre o eixo ou tema principal da entrevista (construção da identidade homossexual) e os aspectos que nela seriam abordados. Além disso,



foi explicado a eles que a participação no processo era voluntária e que nenhum pagamento ou compensação seria gerado por isso. Foram entrevistados 7 homens gays e apenas uma mulher lésbica. Não foram identificadas e nem indicadas pela entrevistada e entrevistados outras mulheres lésbicas. As entrevistas foram realizadas em 2019. Todas foram entrevistas individuais, realizadas em locais como a casa dos participantes ou na casa de amigos. As entrevistas duraram cerca de uma hora e meia, sendo gravadas e transcritas posteriormente, após isso, as gravações foram destruídas. As gravações foram realizadas pelo autor do estudo na companhia da estudante de ciências sociais já citada, transcritas e apagadas do equipamento, no caso, Smartphone. Por fim, os participantes foram protegidos por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguindo a resolução CNS nº 510/2016 que trata de temas relacionados às ciências sociais e a garantia da confidencialidade das informações coletadas nas entrevistas.

Foi utilizada uma abordagem da Análise do Discurso, a fim de estudar o discurso emitido pelos participantes durante as entrevistas (Caregnato e Mutti, 2006). Esse tipo de análise do discurso se mostra como a referência ideal para estudar o conflito social que esse tema aborda e as relações grupais que aqui são geradas. A partir da análise das entrevistas, emergiram duas categorias: A descoberta da identidade como algo inerente e a afirmação dessa identidade nas relações sociais, sobretudo no espaço da escola presente nos conflitos com os colegas no ambiente escolar no período da infância e da adolescência.

Discussão e resultados

Em 2019, o Supremo Tribunal Federal equiparou a LGBTfobia ao crime de racismo, prevista na Lei nº 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Assim como o crime de racismo, a LGBTfobia é crime inafiançável e imprescritível. Anos antes, em 2013, o Conselho Nacional de Justiça, por meio da Resolução 175, determina que cartórios civis sejam obrigados a celebrar casamento civil homoafetivo. A decisão acontece dois anos após a união estável entre pessoas do mesmo sexo ter sido aprovada pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Em 2016, o Decreto Nº 8.727/2016, obriga os órgãos e as entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, adotarem em seus atos e procedimentos o nome social da pessoa travesti ou transexual, desde que a pessoa requeira esse direito. Já em 2008, o Ministério da Saúde, publicou a portaria 457 de 19 de agosto de 2008, que regulariza o processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Inicialmente, o procedimento incluía apenas mulheres trans e, em 2019, foi ampliado para o atendimento de homens trans. Além destas regulações em nível nacional, foram criado diversos



leis em Unidades da Federação e municípios, visando o combate à exclusão de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queers*, intersexuais, assexuais e outras orientações sexuais ou gênero (LGBTQIA+).

Portanto, atualmente, do ponto de vista jurídico, observa-se um avanço no país em termos de igualdade e direitos para as minorias sexuais. No entanto, apesar desses avanços legislativos positivos, os fatos ou denúncias de atos discriminatórios continuam sendo denunciados por organizações de direitos humanos do país e por organizações sociais que trabalham com questões LGBTQIA+. Em outras palavras, a violência contra esse segmento da população persiste no Brasil. Em 2021, houve no Brasil, pelo menos 316 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+, esse número representa um aumento de 33,3% em relação ao ano anterior, quando foram 237 mortes. Entre os crimes ocorridos no referido ano, 262 foram homicídios (o que corresponde a 82,91% dos casos), 26 suicídios (8,23%), 23 latrocínios (7,28%) e 5 mortes por outras causas (1,58%)³. Os dados constam do Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTQIA+ no Brasil, produzido pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT).

Não há dados recentes de uma pesquisa nacional sobre discriminação e percepções da diversidade sexual no país. No entanto, o LinkedIn⁴, rede social voltada ao mundo dos negócios fez, em 2019 e 2022, levantamentos acerca da discriminação de LGBTQIA+ no ambiente de trabalho. Os dados apontam que 4 entre 10 LGBTQIA+ sofrem preconceito no mundo do trabalho. A porcentagem aumentou em relação a 2019, quando 35% relataram ter sofrido preconceito no trabalho. A pesquisa aponta ainda que 43% dizem que sofreram algum tipo de preconceito por meio de piadas e comentários homofóbicos e que 53% de pessoas heterossexuais já presenciaram situações de preconceito e discriminação no ambiente de trabalho.

As identidades LGBTQIA+ têm sido historicamente objeto de rejeição por grande parte da sociedade e, por isso, as minorias sexuais enfrentam diferentes formas de exclusão social, muitas delas vivendo um complexo processo de construção identitária.

No entanto, deve-se considerar que a maioria das pesquisas e estudos recentes mostraram que a aceitação dos brasileiros em relação à igualdade de direitos das minorias sexuais está

³<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/numero-de-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-subiu-333-em-um-ano>. Acesso em 25/04/2023.

⁴<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-06/quatro-em-cada-dez-lgbtqiap-ja-sofreram-discriminacao-no-trabalho>. Acesso em 25/04/2023



aumentando lenta mas progressivamente. Dados de uma pesquisa do Instituto Pew⁵, realizada em 2019, indica que 67% dos brasileiros defendem que a homossexualidade seja aceita pela sociedade, um aumento de seis pontos percentuais desde a realização da última edição do levantamento, em 2013. Entre os 34 países analisados, o Brasil aparece no 16º lugar, atrás dos outros dois Estados latino-americanos incluídos na pesquisa: México (14º) e Argentina (10º).

Mas, apesar desta situação esperançosa, ainda persiste a homofobia. Persiste também a homofobia internalizada, que alude à aprendizagem e internalização dos significados negativos associados à homossexualidade e à transgressão dos papéis de gênero, o que pode levar à rejeição da própria orientação sexual. Desta forma, muitos gays ou lésbicas incorporam em sua autoimagem os significados negativos associados à homossexualidade e aos homossexuais, o que os leva a ter atitudes e reações negativas em relação a si mesmos.

Ao pensar sobre a construção das identidades homossexuais aqui estudadas, é preciso levar em consideração a dicotomia que domina a literatura teórica e de pesquisa sobre a formação da identidade sexual: o argumento essencialista versus o argumento do construcionismo social.

Tendo suas origens em um modelo biológico, as teorias essencialistas descrevem as identidades homossexuais como núcleo, formas fundamentais de ser que são determinadas no período pré-natal ou na primeira infância (Kitzinger; Wilkinson, 1995, p. 95). Especificamente, esse modelo afirma que existem duas expressões comportamentais da sexualidade inata, a homossexualidade ou a heterossexualidade. Assumir-se *“In-deed, the very expression coming out suggests that the lesbian has always been inside, awaiting debut”*⁶.

Com base na posição essencialista, a saída do armário consiste na capacidade de resolver com sucesso lutas internas com a sexualidade, levando a identificar internamente a própria sexualidade e, finalmente, a sair ou a auto revelar a identidade sexual. A partir desse ponto de vista, o surgimento da sexualidade homossexual na infância sem socialização e nem referências do mundo homossexual, sugere uma base biológica subjacente para esse comportamento, mesmo com todas as tentativas feitas por sociedades de socializar lésbicas e gays emergentes na heterossexualidade, as teorias essencialistas sugerem que essas tentativas foram apenas parcialmente bem-sucedidas para determinados tipos de comportamento em certos pontos do desenvolvimento.

⁵<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/06/aceitacao-da-homossexualidade-no-brasil-cresceu-de-61-em-2013-para-67-em-2019.shtml>

⁶ Tradução: Aliás, a própria expressão que sai, sugere que a lésbica sempre esteve lá dentro, esperando a estreia



O modelo essencialista carece da capacidade de explicar a natureza fluida e dinâmica da sexualidade. A sexualidade não existe em um vácuo, mas sim em um contexto social mutável. Declarar a sexualidade de alguém para outro cria novas dimensões nos relacionamentos. As reações à revelação muitas vezes ditam se o clima do relacionamento vai ser positivo ou negativo. Por exemplo, os pais podem inicialmente achar difícil aceitar a identidade homossexual ou bissexual de seus filhos, e podem se tornarem mais receptivos ao longo do tempo. As reações dos pais, assim como as reações dos outros, podem influenciar a identidade do indivíduo, bem como o processo de tomada de decisão para se assumir no futuro. A resolução interna das lutas sexuais por si só não dita a decisão de revelar a sexualidade a outras pessoas, especialmente considerando o ambiente muitas vezes duro e brutal em que se assume.

Embora seja um modelo teórico construído a partir dos relatos de pessoas homossexuais, o modelo essencialista assume um ambiente de revelação ideal, sem intolerância ou hostilidade. É irreal, portanto, esperar que todos os indivíduos gays, lésbicas, bissexuais ou questionadores declarem sua sexualidade publicamente. Assim, deve-se pensar na identidade de pessoas homossexuais como algo construído socialmente, que envolve rituais, linguagens, fantasias, representações e símbolos. E nesse sentido não há o “natural”. As várias identidades, não apenas sexual ou de gênero, mas as múltiplas existentes, são compostas por relações sociais. (Louro, 2001, p. 10)).

No próprio meio que o indivíduo vive e estabelece relações, é que percebe sua “diferença”, muitas vezes isso ocorre na infância, quando se é nomeado como gay ou lésbica, fornecendo ao indivíduo as primeiras concepções sobre sua orientação sexual ou identidade de gênero. A expressão dessa ideia é reforçada por Gomes e Lucca (2011) ao afirmarem que o comentário que a tia faz sobre a insistência do sobrinho em querer brincar com as coisas de meninas, ou a preocupação dos pais sobre algumas características do comportamento da criança acabam formando uma diferença que é percebida. (Gomes e Lucca, 2011, p. 98). Logo, *“Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentimento de pertencimento a um grupo social de referência”* (LOURO, 2001, p. 10). O corpo é o que por fim, consolida a identidade, e esperamos dele sem ambiguidade e inconstância, que dite a identidade.

Assim, existem diferenças importantes entre as esferas pública e privada, especialmente se estas estão relacionadas com a homossexualidade. Assim, existem comportamentos socialmente aceitos pela população heterossexual e que podem ocorrer em diversos contextos; e outros que marcam negativamente a conduta homossexual, assim, são obrigados a permanecer



entre quatro paredes. Desta forma, revelar a própria orientação sexual para os outros, ou “sair do armário”, é um processo crucial que contribui para o enfraquecimento da cultura patriarcal na qual todos os homossexuais se encontram imersos. Em tais culturas, as minorias sexuais correm o risco de se tornar reféns delas, incapazes de quebrar a norma heterossexual dominante. Portanto, é um processo importante na formação da construção de sua personalidade e identidade.

Vivendo em uma sociedade regida por normas heterossexuais, o armário gay é uma metáfora usada para designar o estado de ocultação da identidade homoafetiva, esta não aceita pela sociedade. O indivíduo acaba se fechando no armário, a fim de se manter nas regras sociais. Segundo Gomes e Lucca (2011) o armário é uma gíria conhecida e criada em um determinado grupo social, os gays, lésbicas, travestis, transgêneros e entre outros. Pelo fato de que as práticas homossexuais serem consideradas imorais e anormais na sociedade, acaba produzindo preconceitos, os indivíduos escondem suas preferências, construindo um armário. Assim:

“Estar no armário” representa uma condição que muitos (as) homossexuais se submetem para que as expectativas construídas a partir da simbologia de seu sexo não sejam rompidas. E essa condição muito comum na vida de milhares de pessoas de identidade homoerótica, é gerada pelas representações sociais de caráter heterossexista, interiorizada até as últimas consequências, fazendo com que muitos(as) construam um discurso que é uma negação de sua própria identidade sexual. (Gomes; Lucca, 2011, p.97)

Para Sedwick (2007, p. 28-29) o armário é um termo popular, referente a homossexualidade não assumida (dentro do armário) ou aos/as assumidos (fora do armário). Sempre acompanhado por oposições binárias de dentro/fora, privado/coletivo ou hetero/homo. O armário se cria pelo meio social que esse indivíduo vive, cercados de regras e normas heterossexuais nas quais a homossexualidade não se enquadra. Assim, as práticas homoeróticas são consideradas imorais até mesmo anormais, o que causa um efeito negativo formando preconceitos o que acaba levando muitos a esconderem suas preferências.

Seguindo a linha foucaultiana, Marques Filho e Camargo (2007) colocam que a sexualidade é vista como algo perigoso, é algo assim reprimido pela sociedade e deve ser friamente controlado. *“Essa concepção produz e veicula discursos em que a manifestação*



socialmente correta seria entre homens e mulheres adultos, preferencialmente no matrimônio, como se percebe no discurso religioso.” (Marques Filho e Camargo, 2007, p. 74). Desse modo, as normas estabelecidas socialmente seriam relações heteros, com fins puramente reprodutivos.

Porém, alguns sujeitos fogem às normas que regem a sociedade, assumindo outros caminhos. Alguns optam por atravessar fronteiras normativas se assumindo, outros permanecem na fronteira, região turbulenta, e outros permanecem no “armário”, não assumindo sua identidade, por questões variadas como: emprego, família, medo ou insegurança.

O armário representa para o mundo gay, se manter nas regras sociais. Dentro do armário, dentro das regras sociais, que nada mais são que normas heteronormativas impostas pela sociedade. Sair do armário significa mostrar para sociedade sua identidade.

A visibilidade da homossexualidade requer um processo prévio de autodescoberta, que geralmente é realizado em silêncio, pois seu reconhecimento carrega consigo uma carga de medos e expectativas, familiares e de grupo de pares e o desejo homoerótico, como consequência da discriminação de uma cultura heteronormativa, tem se estruturado entre o que é secreto, o que se sabe e o que não foi dito. Dessa forma, as “perguntas” ou “suspeitas” do ambiente do homossexual não declarado fazem parte do processo de assunção da homossexualidade, onde se supõe saber sua “condição” homossexual, a partir da imagem projetada ou dos fatos observados em uma pessoa gay, mesmo que essa identidade não tenha sido declarada discursivamente.

Nesse processo, é importante mencionar a relevância do meio social de cada pessoa, pois o conceito que cada ser humano constrói de si mesmo e os conceitos nomeados são influenciados pela avaliação externa feita pelas pessoas mais significativas para cada um (geralmente família ou grupo de amigos, escola). Além disso, sexo, idade, parentesco e proximidade afetiva constituem critérios para a seleção das pessoas a quem a orientação sexual será revelada. No processo de tomada de decisão de sair do armário, o cálculo antecipado de riscos, possibilidades e a antecipação de reações positivas ou negativas desempenham um papel muito importante.

Embora os relatos abaixo acerca da identidade homossexual dos entrevistados, possam ser compreendidos a partir de uma perspectiva essencialista já que falam de uma descoberta do que sempre foram e que sair do armário foi apenas um processo de aprender a reconhecer e aceitar o que se era o tempo todo: De fato, a própria expressão *saindo do armário* sugere que a lésbica ou o gay sempre estiveram lá dentro, aguardando a estreia.

“Eu acho que eu não descobri, porque eu acho que eu nasci assim”



[...] (Entrevistado 1)

“[...] acho que desde a minha nascença, desde que nasci, sempre me vi..., eu nunca tive interesse sexual por mulheres.” (Entrevistado 3)

“Desde criança eu tinha um comportamento, quando minha mãe lavava roupa, me enrolava em lençol, colocava camisetas na cabeça [...] (Entrevistado 4)

“Desde que nasci eu já sentia” (Entrevistado 6).

“Desde criança, com 8 ou 9 anos, eu achava os meninos da minha idade ou mais velhos bonitos e queria ficar perto deles. Gostava do cheiro deles, de tocar na pele deles ou ser tocado por eles nas brincadeiras. Eu sempre gostei de brincadeiras de menino, nunca me interessei por meninas, nem pelas brincadeiras delas. A gente jogava futebol. Eu gostava disso. Eu sabia que sentia atração por meninos, mas eu não sabia que nome tinha e no início nem eu e nem ninguém desconfiava de nada. Eu fui criança nos anos 70, nasci e me criei em fazenda aqui mesmo no município, não tinha luz elétrica e nem televisão, o povo todo que morava lá também não falava nada, assim no início, só mais tarde falaram que eu era viado, na escola que tinha na fazenda, as crianças que tinham vindo da cidade maior, Campo Grande, tinha uma família lá assim, eles que falavam que eu tinha jeito de viado, que andava rebolando, mas já tinha uns 12 anos, eu não sabia o que era, mas eu ficava com vergonha daquilo, não parecia uma coisa boa. Era esquisito. As crianças que nasceram e se criaram na fazenda nunca falaram nada, porque elas também não sabiam.” (Entrevistado 7)

“Eles sabem que acontecendo, sabe que tá alguma coisa de diferente, por que desde criança sabe que tem alguma coisa de diferente, mas não quer ver, porque, muitos amigos do meu pai falam, “o menino é diferente”, só que não quer ver, acho que eles acham “não, não é”. (Entrevistado 4)

“Brincava com coisas de menina, não gostava nada de carrinho essas coisas, era mais de menina. Até os vestidinhos da minha irmã, quando eu tinha 11 anos, eu pegava e ficava vestindo os vestidos delas, e aí minha mãe ficava brava.” (entrevistado 6)

“[...] desde criança minha mãe mesmo comentava, que desde criança eu sempre fui mais para lado feminino do que para o masculino” (entrevistado 1)

“[...] eu sempre gostei de brincar de boneca, que brincava de carrinho, mas eu tinha que colocar a boneca dentro do carrinho.” (entrevistado 1)

“Meu pai percebia e queria que eu fosse homem, tentava me incentivar, então me levava pra andar a cavalo no pasto, mas não adiantou nada”



(Entrevistado 3)

“[...] no começo eu, fiquei confuso, eu não sabia se... no começo eu não sabia se eu gostava de mulher ou se gostava de homem, porque eu já ficava com mulher né, então era uma coisa que foi surgindo dentro de mim, que eu ficava com mulher mais não me completava, tava faltando algo, tava sentindo vazio, [...]” (entrevistado 5)

“Faltava algo. Só que no começo eu não entendia. Eu achava que tava faltando alguma coisa” (entrevistado 5)

Sempre quando eu pensava que eu podia gostar de homem, eu procurava esquecer isso, todo mundo, cada um tem um preconceito contra você mesmo, tipo, você tem um preconceito contra você mesmo, você não se aceita. teve uma vez que eu procurei namorar com homem, pra tentar, como eu posso dizer... pra tentar de dentro de mim aquilo que eu não aceitava” (entrevistada 2).

Na análise dos relatos sobre a descoberta da identidade homossexual, numa perspectiva essencialista, pode-se dizer que os sujeitos se perceberam como homossexuais em algum momento da infância ou da vida adulta, como se fosse uma força biológica ou hormonal. Nesse contexto, o essencialismo aposta numa crença no caráter fixo, imutável, herdado e biologicamente determinado da sexualidade, sendo permanente na sociedade.

Pode-se falar da existência da homossexualidade em diversas formações sociais, mas Foucault (1998) ao tratar sobre o assunto na Antiguidade e na Idade Média, a identifica como um fenômeno cultural que se transforma ao longo do tempo, mantendo sua formulação geral: relação entre indivíduos do mesmo sexo que comporta um modo de vida no qual está presente a consciência de ser singular entre os outros. A defesa de Foucault permite que nos perguntemos se há uma incomensurabilidade entre admissão de fenômenos históricos (modos socialmente variáveis de ser homossexual) e formulação de conceitos meta-históricos (a definição geral de homossexual) presente, não como uma forma de acessar uma essência compartilhada entre as sexualidades passadas e presentes, mas como uma ferramenta heurística para comparar diferentes fenômenos históricos do presente.

Nesse sentido, para compreender os fenômenos descritos nos relatos, destaca-se a dupla situação que o corpo desempenha na identidade de gênero e na sexualidade, tanto teórica, quanto empiricamente, analisando não só a raiz biológica que pode incidir na configuração das identidades, mas também na forma como os seus significados e avaliações são moldados por situações sociais concretas.

Embora se possa estabelecer a importância de conceituar sexualidade e gênero como categorias analiticamente diferentes e sobrepostas, o gênero é constitutivo da sexualidade, ao



mesmo tempo em que a sexualidade pode ser considerada uma expressão do gênero, a partir dos vínculos contingentes entre ambos, sobretudo, das performances generificadas em formas de expressão corporal como o vestido feito de lençol de cama, se vestir com vestido da irmã, as brincadeiras com bonecas ou mesmo a representação do comportamento masculino através do jogo de futebol, mas que não esconde o jeito de andar mais afeminado identificado pelos colegas de escola. Todos os elementos que se ligam a identidade dos sujeitos estão objetivados na realidade, aparecendo como brincadeiras e objetos, representando noções socialmente construídas de gênero e sexualidade. Assim, as “identidades de gênero” e as “identidades sexuais” estão vinculadas historicamente, conectadas ao momento em que masculinidade e feminilidade começam a ser definidas em referência à escolha do objeto com quem se terá atividade afetivo-sexual.

“Olha no começo, quando eu cursava a primeira série, segunda série, sempre tinha aquelas brincadeiras “ah a mulherzinha”, “ah sua voz é fina, fala grosso”, essas coisas. Ai depois parece que foi acabando, eu fui me enturmando, não tinha mais aquilo, só foi no começo mesmo” (entrevistado 3)

“[...] você é criança, sei lá eles ficam com aquelas brincadeiras de mau gosto, você chora “não, eu não sou”, “você é”, mas você fala que você não, porque... sei lá, acho que por isso muita gente tem medo de se assumir, porque você já tá recebendo uma brincadeira e você dizendo que não é, imagina você falar que você é [...]” (entrevistado 4)

“Amigos, na escola foi bem difícil. Porque na escola você escuta bastante falatório, você passava e falava “ó o viadinho” oh não sei o quê.”(entrevistado 6)

“na escola sempre tem aquela piadinha né, nunca falam pra você mesmo, mas sempre (Entrevistado 4)

“Todo mundo renegava, ate mesmo os professores me falava as coisas, diretora, várias vezes me chamava na diretoria falava “ah você tem que parar de se mostrar como mulher você tá muito esquisito, os alunos vão ficar o resto da vida te falando essas coisas porque esse seu jeito, você tem que tomar jeito de homem”. (entrevistado 6).

“Por volta dos 12, 13 anos, na escola da fazenda eu sofri muito, passei a ter vergonha do jeito que eu andava, como eu falava. Eu nem sabia do que estavam falando, eu não conhecia nenhum gay, então, era muito ruim.”

A partir desses relatos, percebe-se que os informantes, assim como demais membros da sociedade, foram socializadas de acordo com as estruturas sociais construídas sobre o seu sexo biológico, que diferenciam comportamento, direitos e deveres de acordo com o sexo



masculino ou feminino (Scott, 1990) Scott aponta que a escolha de cores e roupas, brinquedos, a divisão de tarefas domésticas, a posição na hierarquia familiar e social, o grau de liberdade sexual, entre outros aspectos da vida diária de mulheres e homens, são diretamente afetados pelas construções sociais que determinam o que é lícito e ilícito, apropriado e inapropriado, descente e indescendente, sem importar se é masculino ou feminino. Por ‘gênero’, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a idéias, mas também a instituições, as estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (Scott 1990, p. 84).

Segundo a autora mencionada, a partir dessa lógica binária, as representações sociais são representadas pelos papéis de gênero, os quais são definidos como identidades baseadas em percepções funcionais e hierárquicas das diferenças sexuais.

Desde a tenra idade, os sujeitos entrevistados foram ensinados a se comportar de acordo com o que a sociedade espera de seu sexo: ao menino a cor azul, à menina a cor rosa; ao garoto a bola, à garota a boneca; ao rapaz o prestígio através das conquistas amorosas, à moça a honra através da castidade real ou dissimulada (Foucault, 1984); ao homem a posição de liderança, à mulher a subalternidade; ao homem, o público e à mulher, o privado (Saffioti, 1987).

Para Butler (2019), independente do lugar, a “ordem compulsória” que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo, são obrigatoriamente heterossexuais. Assim, o conceito de gênero vigente legitima essa ordem, na medida em que seria um instrumento expresso principalmente pela cultura e pelo discurso que inscreve o sexo e as diferenças sexuais fora do campo do social, isto é, o gênero aprisiona o sexo em uma natureza inalcançável à crítica e a desconstrução.

Assim o gênero é um efeito discursivo que habita, molda o corpo e se inscreve nos corpos. A autora afirma que o gênero é performativo, considerando a performatividade como “*uma prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia*” (Butler, 2019, p. 18).

A inscrição do gênero nos corpos sempre receberá as marcas da cultura, que fornecerão categorias e rótulos distintos para enquadrar as experiências sexuais e afetivas dos sujeitos.



As possibilidades de “ser” ou “viver” a sexualidade - entendida aqui como forma de expressar os prazeres e desejos - também serão estabelecidos socialmente. Daí pode-se inferir que as identidades de gênero e sexuais são políticas, adquirindo sentido pelas redes de poder. (LOURO, 2000).

Ainda sobre os depoimentos, observou-se que suas identidades homossexuais foram arrancadas de dentro do armário, às vezes de forma violenta, constrangedora e expostas publicamente como se fossem anormais.

O corpo homossexual, mesmo de forma não proposital, carrega as inscrições de identidade sexual atribuída, aproximando-o arbitrariamente ao gênero feminino, sendo chamado pejorativamente de “mulherzinha”, afeminado e veadinho.

Nesse sentido, antes do menino e da menina se identificarem como homossexuais, a identificação realizada por terceiros, (a coletividade) com o signo (estigma) da homossexualidade implica em ter de assumir toda uma série de características que se prendem a essa categoria a partir dos discursos sociais dominantes da matriz heterossexual.

O momento da saída produz um sujeito homossexual por meio dessa atribuição a um campo significante. A identificação/questionamento que constitui o sujeito tem um efeito retroativo através do qual ele produz sua própria origem nesse “desde sempre”, “já nasci assim”, tão presentes nos relatos desses sujeitos.

Tudo o que poderia passar por insignificante, como pequenos desvios perfeitamente aceitáveis em relação à norma heterossexual em que o sujeito havia se constituído ao chegar ao mundo (todo indivíduo está sujeito a uma presunção de heterossexualidade), agora, pela aparência do novo signo da identidade tornam-se sintomas que revelam a interioridade do sujeito, sintomas que exteriorizam a sua identidade e delatam seu segredo.

Embora, se possa pensar na existência de uma identidade homossexual, com base em Michel Foucault (1999, pp, 17; 41) e em sua consideração da sexualidade como dispositivo disciplinar, o adjetivo “homossexual” adquire caráter classificatório e determinante de identidades somente a partir do século XIX. Em meados desse período, a nascente sexologia (cujo objetivo foi construir uma "ciência" promotora de visões essencialistas, obra de sua origem na medicina) promove o estabelecimento de posições subjetivas, ou seja, tipos peculiares de relações socialmente reconhecidas e definidas (Foucault, 1999, p. 43). Antes disso, o que conhecemos como homossexualidade não existia na cultura ocidental, já que esse termo é sinônimo de atributo e não de comportamento em si. Ao substituir a noção de lei pela noção de norma no projeto político burguês, a homossexualidade deixa de ser uma simples prática do sujeito para se tornar fonte de reconhecimento social, auto reconhecimento e



organização de um modo de vida específico. Isso se deve às ações "anatomopolíticas" e "biopolíticas" dos dispositivos disciplinares que são produto da dinâmica administrativa do poder nas sociedades modernas e se manifestam em seus diversos elementos, principalmente as práticas discursivas (Foucault, 1999, p. 103).

Aceitar uma posição social particular, assumir uma identidade, é diferente de sentimentos e desejos sexuais, por exemplo, uma pessoa pode se identificar com os homossexuais, mesmo não tendo nenhum desejo por eles. No mesmo sentido também pode se pensar na questão da etnicidade ou raça, não é preciso necessariamente, ser indígena ou negra, para se identificar e até defender a causa. Sentimentos e desejos podem estar profundamente entranhados e podem estruturar as possibilidades individuais. As identidades ocorrem em um campo de possibilidades, exprimindo diferentes sexualidades. No mundo atual, com sua preocupação com a sexualidade autêntica, a escolha em ter uma identidade e uma sexualidade dissidentes é muitas vezes altamente política. O “assumir” socialmente sua identidade, pode representar uma ofensa a alguém ou a regras sociais, além do mais, há sempre a possibilidade do sujeito se sentir deslocado, fora do lugar. Um corpo estranho na sociedade “normal”.

Para os entrevistados, o processo de construção de uma identidade sexual não é simples e passaria por várias etapas: da exposição pública da identidade homossexual realizada pelos outros, seguida da negação, da vergonha e da humilhação, em que tentam se afirmar como heterossexuais a partir de um comportamento heteronormativo (modos de agir e falar e relacionamentos com o sexo oposto). Essa tentativa de mudança visa a aceitação e fim dos constrangimentos sociais, embora não haja uma mudança subjetiva da identidade, até o momento em que ocorre a afirmação da homossexualidade a partir da revelação aos amigos, ao grupo familiar, à escola, à igreja e, às vezes, no trabalho. Os sujeitos entrevistados afirmam em outros trechos das entrevistas que, em algum momento de suas vidas, sentiram atração afetivo sexual por uma pessoa do mesmo sexo, mesmo quando muitos jovens (entrevistado 7), passando a perceber a diferença em um contexto social heteronormativo, com rígidas expectativas sociais e sanções para quem se desvia dessas expectativas. Além disso, indicam que a revelação de suas identidades a outros, trouxe-lhes uma série de custos, em todos os ambientes, mas a escola acaba sendo um espaço em que essas diferenças são marcadas desde a infância, em razão da socialização na coletividade mais próxima, para além da família.

Assim, a partir dos relatos, existem três fenômenos que afetam a construção da identidade dos entrevistados: a socialização de gênero, a discriminação e o processo de saída do armário. Esses fenômenos teriam uma participação importante na forma como se percebem, vivem e aceitam sua orientação sexual. Deve-se notar que esse tipo de socialização de gênero



gera atos de discriminação (de heterossexuais a homossexuais) e também de outros pares homossexuais, por quebrar os papéis de gênero socialmente esperados. Assim, destaca-se que o aspecto central da discriminação não é apenas a orientação sexual, mas também a violação do papel de gênero masculino.

Seguindo a mesma ideia, uma constatação importante é que os atos de discriminação são mencionados por todos os entrevistados, enfatizando muito mais a violência verbal e psicológica do que a violência física, onde as agressões verbais (violência psicológica) são muito mais frequentes foi possível compreender que a discriminação afeta a forma como vivem e expressam sua identidade sexual, sobretudo no trabalho e na escola. E, embora a maioria das entrevistadas tenha dado a entender que a discriminação não era algo que lhes importasse ou que considerassem importante no seu cotidiano, esta interfere de alguma forma na forma como se significam e se apresentam aos outros, limitando os seus comportamentos (tanto femininos e comportamentos de casal) devido ao medo de expressar a sua orientação sexual no espaço público, através, por exemplo, de beijos ou abraços.

Considerações finais

Este estudo constitui uma primeira aproximação aos processos de construção da identidade sexual em pessoas LGBTQIA+ em cidades do interior de Mato Grosso do Sul, já que estudos anteriores realizados no Estado, não lidam com essa problemática. Além disso, constitui uma abordagem para o estudo dos processos de socialização de gênero em pessoas que expressam uma masculinidade não hegemônica em contextos socioculturais, cidades rurais, onde a masculinidade hegemônica é valorizada. O estudo revela que os sujeitos, apesar de viverem num contexto social nacional com legislação que salvaguarda e protege os seus direitos, muitas vezes ainda vivem a sua sexualidade e a sua vida erótica e afetiva na clandestinidade, devido à discriminação que vivem ou sofreram.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 510 de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br>. Acesso em 24/09/2024.



_____. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/>. Acesso em 24/09/2024.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: sobre os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CAGNATO, R. C. A., MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto - enferm.** 15 (4) • Dez 2006. p. 679-684.

CARVALHO, G. Z., REIS, a. F. Com_puta_dor - relações BDSM mediadas digitalmente em Campo Grande/MS. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 21, n. 1, 2016. p. 50-64.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____, **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GOMES, A. M. LUCCA, P. R. Uma luz no fim do armário. In. **(Contra) pontos**: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual. PASSAMANI, G. (org), Campo Grande: Ed. UFMS, 2011.

KITZINGER, C., WILKINSON, S. Transitions from heterosexuality to lesbianism: The discursive production of lesbian identities. *Developmental Psychology*, 31(1),1995.p. 95–104. p. 93-99.

LOURO, G.L. Pedagogias da sexualidade. In. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade/ LOURO, G.L. L. (org). Tradução dos artigos: Tomaz Tadeus da Silva. 2 ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARQUES FILHO, A.; CAMARGO, F. P. Identidade homossexual e homoerotismo em: "Terça-feira gorda", de Caio Fernando Abreu. **OP SIS**, vol. 7, nº 8, jan-jun 2007. p. 69-85.

PAIVA, P. C. A. da S. "**As travas de jardim são unidas**": etnografia da performance identitária das travestis em contextos rurais e interioranos do sertão potiguar.2020. 117f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

PASSAMANI, G. R. Relacionamentos puros no tempo de antigamente: curso da vida e condutas homossexuais no Pantanal-MS. **ACENO**, Vol. 3, N. 5, p. 171-188. Jan. a Jul. de 2016.

TERRA, M. G. et al. Fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur como referencial metodológico numa pesquisa de ensino em enfermagem. **Acta paul. enferm.** 22 (1) • Fev 2009. p. 93-99.

SAFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, J. **Gênero**, uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v.1S, n.2, jul./dez. 1990.

SEDWICK, E. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho de 2007: p. 19-54.